



O SUJEITO PÓS-MODERNO E A IMPOSSIBILIDADE DA COMUNICAÇÃO: UMA ANÁLISE DE *REPRODUÇÃO*, DE BERNARDO CARVALHO

Virgínea Novack Santos da Rocha¹

Introdução

Os discursos de machismo, racismo, homofobia e xenofobia disfarçados de liberdade de expressão são cada vez mais presentes na sociedade contemporânea, sobretudo a partir das redes sociais. O atual cenário cultural, por sua vez, corrobora com a criação desses discursos, mesmo que pareça contraditório *a priori* na era da inclusão, que ainda muito se reivindique a tradição, como verdade suprema, ou seja, sem qualquer possibilidade de questionamento.

No entanto, esse movimento logo se justifica socialmente, uma vez que o novo é aquilo que nos desaloja dos rótulos confiáveis, ou seja, ameaça as relações de poder exercidas por meio das narrativas mestras (LYOTARD, 2013). Dessa forma, o fundamentalismo religioso (especialmente das Igrejas Neopentecostais), ampliado à esfera, inclusive, da representação política, tem se apresentado como uma narrativa absoluta em defesa de uma suposta moral, apresentando-se, contudo, como um dos principais propagadores do discurso de ódio na sociedade, em ferrenha oposição aos discursos de inclusão, incertezas e das pluralidades de narrativas da pós-modernidade ou mesmo com a própria democracia.

Nesse sentido, portanto, fica em evidência, como já alertava Foucault, o valor do discurso na consolidação do poder na organização social, pois como afirma o autor

Em toda a sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2011, p.8-9).

Dessa forma, mesmo com a suposta morte das narrativas mestras, esses processos de exclusão ou de interdição, que em outros momentos estavam em maior

¹ Mestranda em Literatura Comparada no Programa de Pós-graduação em Letras pela Universidade Federal de Pelotas. E-mail: novack-virginea@gmail.com



evidência, como a efetiva retira do direito de voz desses sujeitos, como em regimes autoritários, hoje supostamente esse direito seria assegurado a todos. No entanto, a exclusão dos discursos não se apresenta apenas de modo exterior, mas também internamente, isso significa que, embora todos tenham o direito à voz, nem todos terão suficiente respaldo social para serem ouvidos.

A ideia de redemocratização dos anos 70/80 somada ao discurso da liberdade tornam-se o cenário ideal para o desenvolvimento da globalização e, por conseguinte, de um capitalismo tardio, nos termos de Jameson (2007), que busca refletir sobre como cultura e economia se articulam na atualidade, reproduzindo e fortalecendo o modo de produção capitalista. Nesse sentido, “o pós-modernismo não é a dominante cultural de uma ordem social totalmente nova (...), mas é apenas reflexo e aspecto concomitante de mais uma modificação sistêmica do próprio capitalismo” (JAMESON, 2007, p.16).

Analisando, portanto, em termos práticos, se outrora as minorias, como mulheres, negros, LGBTs etc., não tinham acesso à voz, na atualidade, têm, sobretudo com o advento das redes sociais, uma vez que tal espaço pode ser ocupado por qualquer pessoa que disponha de uma conexão à internet. No entanto, ainda não se obteve respaldo social o suficiente para ser ouvido. Dessa forma, a internet apresenta-se ainda como o espaço de maior possibilidade de articulação política desses grupos em segurança, o que, por outro lado, gera a revolta daqueles que não querem perder sua posição privilegiada nessas relações de poder.

E por que não escreve reclamando? [...] Cria um blog!

Assim, situamos nossa discussão a partir de *Reprodução* (2013), de Bernardo Carvalho. A narrativa que vai nos apresentar as consequências do encontro no aeroporto rumo à China do “estudante de chinês” com sua professora desaparecida. Dividido em 3 capítulos, sendo o primeiro a versão do estudante sobre o interrogatório; o segundo, o relato da delegada e o terceiro a volta do estudante.

O primeiro capítulo, o qual gera um misto de raiva e riso no leitor, uma vez que a personagem é uma alegoria do sujeito pós-moderno individualista ao extremo e embriagado pelos discursos conservadores que circulam, principalmente, nas redes sociais, ou seja, um reprodutor de pré-conceitos. No entanto, o personagem reitera durante toda a narrativa que é informado, pois busca na rede todas as informações que precisa para compreender o mundo, representando-se como uma das figuras mais comuns da pós-modernidade: o comentarista da internet, ou seja, aquele que tem uma opinião sobre quase todos os assuntos partindo, porém, do senso comum, sem



que se faça uma maior reflexão a partir das informações que tem ao invés da simples reprodução da informação, como o narrador nos descreve a personagem: “transformara os comentários anônimos na internet, em especial os hediondos, em sua principal atividade diária” (CARVALHO, 2013, p.10).

Carvalho, como já comum da literatura contemporânea, usa a forma do seu texto tanto para questionar a forma do romance quanto para auxiliar na construção de sentido de seu próprio texto, assim, o narrador que é em 3ª pessoa faz alguns poucos comentários sobre os motivos da narrativa, mas logo cede espaço para que as próprias personagens, por meio de citação direta, contem suas versões dos fatos, intrometendo-se esporadicamente com a marcação do texto entre colchetes, tendo, portanto, como função principal: a de organizar o texto.

Nesse sentido, tanto Huchtheon quanto Dalcastagné vêm a necessidade de colocar essas personagens e narradores sob o signo da desconfiança, uma vez que “a preocupação do século XVIII em relação às mentiras e à falsidade passa a ser uma preocupação pós-moderna em relação à multiplicidade e à dispersão da(s) verdade(s), verdade(s) referentes à especialidade do local e da cultura” (HUTCHEON, 1991, p.145), pois “no lugar daquele indivíduo todo poderoso, que tudo sabe e comanda, vamos sendo conduzidos para dentro da trama por um narrador suspeito” (DALCASTAGNE, 2005. pg.13), um narrador que só nos mostra um lado da história.

A suspeita se intensifica quando percebemos que o aspecto que se apresenta como fundamental é que os enunciadores falam com alguém, ou seja, que a mensagem tenha tanto dois emissores quanto dois receptores, visto que se trata de um diálogo, porém o leitor tem acesso parcial a essas informações, ou seja, a de apenas um enunciador, o que mais uma vez, enfatizada a comunicação “Então, é um diálogo de surdos. Só um decide o que quer ouvir e o que o outro vai dizer” (CARVALHO, 2013, p.153), esse é um importante reflexo da sociedade pós-moderna: a reprodução de um discurso único e sem possibilidades de diálogo em inserção de outros pontos de vista, um verdadeiro “diálogo de surdos”.

Nesse sentido, Lyotard, ao refletir sobre a pós-modernidade, entenderá que o desenvolvimento da internet será crucial na formação desses sujeitos “é razoável pensar que a multiplicação de máquinas informacionais afeta e afetará a circulação dos conhecimentos do mesmo modo que o desenvolvimento dos meios de circulação dos homens (transportes), dos sons e, em seguida, das imagens (media) o fez” (LYOTARD, 1988, p.4), ele dirá ainda que “o cenário pós-moderno é essencialmente cibernético, informático e informacional” (idem, p.viii).



Assim, a linguagem, também tema corriqueiro de narrativas contemporâneas, aparece não apenas como forma de reforçar a impossibilidade da linguagem de retratar o real, mas também, e refletindo os tempos atuais, de, de fato, efetuar-se enquanto sua função primordial: a de comunicar. Assim, a narrativa se inicia já deixando claro que “isso ocorre justamente quando ele passa a achar que sua própria língua não dá conta do que tem a dizer (CARVALHO, 2013, p.9), ou seja, parte da ideia de que o estudante por si só já se percebe como incapaz de comunicação em sua própria língua. No entanto, mesmo em chinês, ao final da narrativa, a personagem ainda se questiona sobre a necessidade de aprender chinês “E pra quê? Pra falar com quem? Veja isso aqui. Posso repetir tudo que decorei, mas pra falar com quem?” (idem, 159).

Gay? Eu? Gay é a puta que pariu! Quem disse que perguntar não ofende?

A rede não apenas representa um local de busca de informações, mas também um espaço em que, como aponta Resende (2008)², todos têm o direito à voz. Assim, se outrora para divulgar determinado conhecimento era necessário, de certa forma, um comprometimento com um método, hoje o cenário é outro, evidencia-se a retirada de um filtro que antes existia entre o conhecimento produzido e o divulgado (o que se tem acesso). Sendo assim, para o bem ou para o mal, agora fica a critério do leitor imerso em um mar de informações definir o que faz sentido para ele e o que não faz.

Dessa forma, contemporaneamente, sabe-se que, graças ao fato de a internet acolher todas as individualidades, a pluralidade se instaura e com ela a marcação da diferença, ou seja, “o outro”.

Convém, contudo, questionar, visto que a diferença sempre existiu, o porquê de ser esse o exato momento em que o conflito de ideias, especialmente, na rede, acaba se intensificando tanto. Nesse sentido, ao discutir o fenômeno da pós-modernidade e sua descentralização Linda Hutcheon afirmará que

Quando o centro começa a dar lugar às margens, quando a universalização totalizante começa a desconstruir a si mesma, a complexidade das contradições que existem dentro das convenções [...] começam a ficar visíveis (HUTCHEON, 1991, p.86).

² Resende (2008) reflete sobre as possibilidades de escrita e circulação de textos literários na rede por escritores contemporâneos. Nesse artigo, ampliamos essa ideia para a sociedade como um todo vendo na internet uma ferramenta para propagação de suas vozes.



Dessa forma, os sujeitos que historicamente foram silenciados e que, por meio das redes sociais adquiriram esse espaço, hoje buscam representação real, tanto ainda na própria rede social, como nas outras mídias em geral e, principalmente, na política, para que tenham seus direitos também assegurados. Assim, a partir das mobilizações, principalmente a partir dos anos 70, sujeitos que antes tinham seus direitos negados começam a perceber as contradições do discurso universalizante, fazendo com que os movimentos sociais (movimento negro, feminista, LGBTTTQ...) somem cada vez mais indivíduos. Dessa forma, com a tomada de consciência das minorias e da efetiva luta por direitos, o centro passa a ser enfrentado em uma disputa de poderes, o qual, por sua vez, se atrelará a tradição e, mais do que isso, a um discurso da religião e da moral.

Sendo assim, a grande novidade do pós-moderno se dá por meio da constante e repetida ironia das contradições auto-reflexivas e históricas, problematizando o senso comum e o natural, mas nunca oferecendo respostas que ultrapassem o provisório e o que é contextualmente determinado. Assim, o pós-modernismo é entendido como “um fenômeno contraditório, que instala e depois subverte os próprios conceitos que desafia” (idem, p.19).

Assim, a construção da personagem “estudante de chinês” como um mero reproduzidor de informações não refletidas poderia ser entendida como apenas mais um espaço, agora o da própria literatura, em que poderia haver esse tipo de manifestação. No entanto, Carvalho ironiza-o, apresenta repetidamente as lacunas que tem no próprio discurso, como quando insiste que não é preconceituoso, pois é brasileiro, como se isso garantisse a ele o direito de proferir qualquer discurso, uma vez que faria parte do país da miscigenação.

Contudo, Hutcheon continua sua reflexão tomando como ponto de partida “uma atividade cultural que pode ser detectada na maioria das formas de arte e em muitas correntes de pensamento atuais, aquilo que quero chamar de pós-modernismo é fundamentalmente contraditório, deliberadamente histórico e inevitavelmente político” (HUTCHEON, 1991, p. 20), discurso que entra em acordo com a reflexão, acerca do próprio livro, feita por Carvalho

Há uma coisa engraçada sobre o discurso de ódio. Não tenho bem certeza do que o livro representa, mas é algo político como nunca fiz, tem um humor que nunca tive. Sempre fui contra a literatura política, atrelada, mas dessa vez tinha urgência. O livro não busca uma solução. É uma visão trágica das camadas de possibilidades (CARVALHO, entrevista 21/09/2013, Folha de São Paulo).



Conclusão

Por fim, a partir de uma revisão bibliográfica e dos apontamentos que se fez no desenvolvimento deste artigo, pode-se dizer que *Reprodução* não é apenas uma narrativa que tem como objetivo a crítica da pós-modernidade por si só ou do uso da internet como ferramenta de propagação dos discursos de ódio, mas sim o de refletir as suas possibilidades de manifestação na cultura, em especial, na literatura. No mesmo sentido, essa necessidade é alertada por Jameson:

Em vez de cair na tentação de denunciar a complacência do pós-modernismo como uma espécie de sintoma final da decadência, ou de saudar as novas formas como precursoras de uma nova utopia tecnológica e tecnocrática, parece mais apropriado avaliar a nova produção cultural a partir da hipótese de uma modificação geral da própria cultura, no bojo de uma reestruturação do capitalismo tardio como sistema (JAMESON, 2007, p.87).

Dessa forma, Carvalho elege uma personagem tão comum da pós-modernidade para que conte sua história: o comentarista de blog, o qual está sempre conectado e tem uma opinião sobre tudo, mas que não busca refletir sobre o que consome, uma vez que está situado dentro da própria pós-modernidade, ou seja, preso a ideias cada vez mais individualizantes e consumistas, o que se reflete em seu discurso de preconceito em relação às mais variadas minorias.

O autor buscou, contudo, relacionar o tema com a forma, nessa narrativa, assim construiu monólogos disfarçados de diálogos, que refletem os diálogos na pós-modernidade, principalmente nas redes sociais, em que duas ou mais pessoas falam sem levar em consideração o que o outro diz, apenas lançando uma pirâmide de informação não refletida sobre determinado assunto.

Portanto, uma personagem que não poderia contar sua própria história, uma vez que não considera que “a própria língua não dá conta do que tem a dizer” (CARVALHO, 2013, p.9), mas que, ao mesmo tempo, após estudar seis anos de chinês também não é capaz de se comunicar na língua estrangeira, mesmo que a tenha adotado como sua – “mas eu sou chinês” (idem, p.42) –, chega ao final da narrativa cansado de falar sem ser ouvido, depois de passar por esse “diálogo de surdos”, ele comenta “Mas estou exausto, como nunca estive. Não tenho vontade de fazer mais nada. Não tenho vontade de dizer mais nada”.(idem, p.152).



Anais do DUO VII - 2016
Dialogue Under Occupation
Porto Alegre, RS, outubro de 2015
Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL)
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.
- CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- COZER, Raquel. 'Você acha que usa a internet, mas está sendo usado por ela', diz Bernardo Carvalho. *Jornal Folha de São Paulo*: São Paulo. 21/03/2013. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2013/09/1344976-voce-acha-que-usa-a-internet-mas-esta-sendo-usado-por-ela-diz-bernardo-de-carvalho.shtml>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- DALCASTAGNE, Regina. Personagens e narradores do romance contemporâneo no Brasil: incertezas e ambiguidades do discurso. *Diálogos Latinoamericanos*, Dinamarca, n. 3, p. 114-130, 2001.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1999.
- JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- CARVALHO, Bernardo. *Reprodução*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- RESENDE, B. *Contemporâneos: Expressões da literatura brasileira do século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.